

A epidemia e a política

Não quero dizer que o governo Bolsonaro seja “o” responsável pelos descaminhos pelos quais passa a economia brasileira. A questão é mais complicada, depende de vários fatores, alguns internacionais

Fernando Henrique Cardoso

07/03/2021, O Globo

Primeiro é bom ressaltar que a “crise” (usa-se tão amiúde o vocábulo que ele acaba por perder o significado) começou a se manifestar antes de o maldito vírus ter sido percebido entre nós. Nisso me refiro à “crise econômica”, não à política, que parece ser permanente em nosso caso. Mas o certo é que o mar tranquilo no qual navegaram os governos de Lula e, parcialmente, de Dilma, perdeu-se no passado, antes da pandemia, apesar dos esforços corretos do governo Temer.

Com isso, não quero dizer que o governo Bolsonaro seja “o” responsável pelos descaminhos pelos quais passa a economia brasileira. A questão é mais complicada, depende de vários fatores, alguns internacionais. Tampouco seria correto imaginar que a pandemia seja “a causa” do fraco desempenho da economia. Este a antecedeu.

Mas, convenhamos, é muita má sorte do país ter de enfrentar, além da epidemia, uma economia trôpega, com exceção apenas do setor agrícola. Este já ia indo bem e assim continua, pelo menos quanto às exportações. Pior, aos maus ventos anteriores somou-se o apego popular por um líder que não chega a ser populista, mas está parecendo haver-se sentado em uma cadeira na qual não se sente bem, ou não foi preparado para ela, apesar dos anos de Câmara. Os tempos de “baixo clero” fazem-no custar a se adaptar a situações novas. Coisas da democracia.

Os mais inquietos só veem uma saída, o impeachment. Eu, que já vi de perto dois, sou cauteloso: é alto o custo político de uma intervenção congressual no que foi popularmente decidido. Às vezes, não há outro jeito. Mas tal desiderato depende mais das ações (ou inações) de quem foi eleito do que, como comumente se diz, da “vontade política”. É melhor ir devagar com o andor.

Melhor aguentar quem hoje manda — o quanto seja possível — e preparar candidatos para as próximas eleições que possam bem desempenhar a função presidencial. Enquanto isso não ocorre, aproveitemos o tempo para treinar civicamente o eleitorado. Ingenuidade? Talvez. Mas sem certa dose de otimismo corre-se o risco de jogar fora não só a água do banho, mas a criança, a democracia.

Quousque tandem? Perguntava Cícero na antiga Roma. Vale repetir a pergunta: até que ponto os “mimimi” de Bolsonaro serão suportáveis? Ninguém sabe ao certo, e ele pode dar a volta por cima. Em larga medida, depende não só da paciência do povo, mas dele próprio, Bolsonaro, manter seus “fiéis” e também conter seus impulsos de franqueza autoritária. Do ponto de vista político, mais do que tudo, depende de quem vocalize o “outro lado”. Por enquanto, o que se vê é uma mídia quase unânime na crítica à falta de condições de quem nos governa para manter um mínimo de coerência na ação. É muito, mas é pouco. Enquanto não aparecer alguém com força para expressar outro caminho viável, o atual presidente leva vantagem.

A verdade é que os partidos ou não são capazes de se opor ou quando o fazem não convencem os seguidores de forma a abalar quem está no poder. Será sempre assim? Depende, por exemplo, dos trejeitos do presidente, que costuma jogar a culpa nos outros, ou, em outro exemplo, menosprezar o

sofrimento das vítimas da pandemia. Mas depende, sobretudo, do surgimento de quem encarne “o novo”. Como disse o senador Jereissati: é preciso gritar bem alto um “basta” e dar nome aos bois.

Não é novidade que o sistema de partidos, por si, perdeu a capacidade de guiar as escolhas populares. Daí que o que aparece como “personalismo” acaba por ser condição necessária para se sair da paralisia em que nos encontramos. E, enquanto houver democracia e liberdade de opinião, o verbo conta. As falas, por enquanto, não chegam a ser ouvidas pelos eleitores. Há, sim, murmúrios no povo, mas não ainda contra quem governa, e sim contra a difícil situação de vida.

De imediato, o que interessa é a saúde. Logo depois será o emprego. Os dados recentes, mostrando um encolhimento de 4,1% no PIB, somam-se ao aumento consequente do desemprego, que vinha de antes. Se já havia 12% de desempregados, agora, não se trata apenas de serem 13% ou 14 %, mas de que a economia não dá sinais de vida para absorver cerca de 25 milhões de pessoas, somando-se aos que procuram trabalho os “inimpreáveis”. É muita gente. Terminada a pandemia (oxalá!), daremos de encontro com a insuficiência da economia para abrigar a muitos, principalmente os de menor qualificação.

O panorama é desanimador. Para quem governa e para quem está contra os governantes. Só há um jeito: buscar uma trilha de maior prosperidade e alento. Recordo-me dos tempos de JK: ele “inventou” um país. Abriu a economia a capitais vindos de fora, ampliou a produção de automóveis, expandiu a indústria naval etc. E ainda por cima “inventou” Brasília. Reatou um sonho antigo em um horizonte de esperanças. Não me esquecerei jamais da conferência que André Malraux fez na FFCL da USP, na qual mostrava a nós, críticos de tudo, o significado simbólico de transcendência da capital imaginada por Niemeyer e Lúcio Costa.

É disso que precisamos: de alguém que indique um caminho de superação e permita voltarmos a acreditar em nós próprios. E cujas palavras e ação não se percam na retórica chinfrim, mas anime muitos outros mais a dar vida ao que se propõe. Que se reinvente nosso futuro.

Esse artigo foi publicado originalmente em: <https://oglobo.globo.com/brasil/a-epidemia-a-politica-24913149>